

O SAL DA VIDA

Livro 30

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



ELA

Ela está ali, ela me olha, me espreita com um poder que visa me surpreender. Sua inesgotável capacidade de encantar-me rapidamente se instala e permanece em um jogo sem palavras. Fiz votos para que isso não mais acontecesse, pelo menos com o vigor com que ela sustenta sua intenção e o abalo que isso me provoca. Finge que sou seu sol, ainda que eu não a ilumine; me sorri como se acolhesse a ternura que lhe oferto, sei que isso é uma mentira. Perco o rumo, altero o roteiro e acabo no desconcerto, inventando um encontro.

Tento reinserir uma adaptação que me faça parecer natural e se apresente útil como uma saída. Repenso todas as tendências, disponho de uma vontade sempre insuficiente para ser suporte. Para seguir junto dela sem despertar suspeitas, grito toda a admiração, pronuncio toda decisão que persiste em mim – a vontade de tê-la perto. Arrasto meu desejo em sua direção. Meu gesto não é uma resposta, é uma reiterada intenção.

Sem nenhuma preocupação de ocultar, exponho o abalo que fico nesse falso lugar cada vez que ela apenas me olha. Ali se desfaz todo frágil equilíbrio, fica uma alusão que me possui.

Acabados os prazeres inocentes, permaneço emocionado, respiro seu ar, ela é meu vício, seu olhar voa até amanhã suas insinuações. Ela finca no meu futuro um consolo para meu arsenal de recursos.



CAMINHOS

Caminhos já andados, reservo as façanhas que requerem atualização. Fecundo o olhar que inveja a recorrência da primavera, insistente em subverter o descuido, surda aos anúncios da maldade.

ENTRE SUB-MUNDOS

Nesta época sem privilégios, escapo do tempo da forma que melhor me convém. Será preciso esperar até que uma história ou outra invadam a minha com pretensões de mudanças. Caso isso aconteça, exercerei uma sensata fuga das armadilhas deste (sub) mundo que nos governa.



RECURSOS DO ROMANCE

Justifico de certo modo todas as ações possíveis. Remetido ao mais visível lugar, exposto, filtro os fatos. As aparências não são transparentes. Posso mencionar toda a fragilidade guardada naquela esperança que se desvaneceu. Diante das ilusões vertidas, aquele amor se transformou em ilusões feridas, cedi lugar à dor, a única que ali cabia.

SINCERA ALMA

Minha alma voltou a ocupar seu lugar de sempre depois de haver sido desviada. Antes eu a houvesse deixado por lá. Mas, decidido a reunir todas as minhas partes, não poderia deixá-la esquecida, Compreendi que, embora às vezes tivesse razão, ela exagerava quando me dizia ser eu um manipulador de afetos próprios e alheios. Que agregado assombroso esse que ela depositava em mim! Ressentido com sua fala, tive por ela a maior indiferença. Por que esse negativo privilégio? Éramos tão íntimos e hoje nos resta esse olhar triste, feito do não reconhecimento. Guardei dela algumas mágoas; em contrapartida, enquanto esteve esquecida, jamais se manifestou a meu respeito. Se falasse, não sei o que ela me diria, se seria uma opinião ou uma constatação. Não devo lhe perguntar, prefiro ficar com a dúvida. Como um livro de páginas arrancadas, essa memória excluída diria algo de mim que não quero ouvir. Minha alma insiste em ser meu espelho, ainda que sem glória, ela acaba com todos os meus cálculos mentais enquanto penso se devo seguir oferecendo-lhe resistência.

NADA A COMEMORAR

Um grande segredo ultrapassa a surpresa e o espanto, encarna a escuridão que acompanha a progressão dos anos. Estou ficando íntimo do desconhecido que tenta encantar pelo mistério. Enfeitiça pela curiosidade, se move num território que não me pertence. Busco alguma evidência que me acalme diante do caos que tenazmente faz em mim uma morada prolongada. Nada a comemorar, minha vida declina diante da fatal aceitação da perda. Os anos, dispostos ao avanço, estão para confirma-lo. Um bem sucedido empurrão coloca a sombra adiante do passo que tão lento desacompanha o meu corpo, aprendiz que já não questiona a própria natureza. O tempo fincou outro rosto no meu.

FEIXE DE GUARDADOS

Quando chega a noite, o ocaso inevitável descobre-me recitando velhos poemas, feito receitas que inventaram a saudade como um jeito de reeditar as coisas nas quais a gente ainda acredita. Falam do amor como um poder que comove. Nesse feixe de guardados incluo revelações, serenatas, poesias sem rima, promessas, intenções prolongadas, vontade de dar certo, crença nos vínculos, uma ordem necessária e enlouquecida, paixão desmedida, e, ainda por cima, desabafos, confissões, declarações, pronunciamentos, ciúmes sem limites, motivação para inovar. Sem saber se pra sofrer ou ser feliz.

EU E A VIDA

A vida não está em outra parte, ela me olha de fora silenciosa, não pode deixar-me ignorado, me acompanha como parte da minha composição, aceita desprezos, esquecimentos, solidão, nada reivindica, já que estabelece quem sou. Original e sigilosa, não se altera. Não faz nenhuma menção da sua importância nem me alerta dos riscos; dá-me a chance da ampliação para tentar a sua extensão. Recusa a farsa por não sobreviver a ela. Por ser atemporal, nunca é nostálgica, está em todos os tempos e se esforça para ser boa companhia. Encolhe-se e se acentua em posição e oposição, insuflada por minhas ações; farta, nunca se queixa, oculta-se na minha pele, circula no meu sangue, bombeia meu desejo, permite o avanço, aceita a evocação, assiste à perturbação dos sentidos, tem um ventre amplo e profundo, concebe, é origem e destino, magnifica o amor que nela se esgota de tanto amar. Original e inocente, disposta à obediência da voz e do ato, está ligada às raízes, ponto de partida, até o ponto de chegada, na alegria e na tristeza, na inocência e na culpa, até que venha a obra final.

AFETOS FRANCOS

Prefiro os afetos francos, expostos, que me agitam as inquietudes, me despertam da frieza, exorcizam minha esterilidade. Os afetos francos consagram uma vocação necessária para que o entusiasmo me inspire. Faço uma declaração de amor que é quase um pronunciamento. Ponho poesia e sabedoria neste quase delírio quase paixão. Revelo que a alegria pôs vida na minha vida, exaltando todas as renunciadas energias. Usando todos os prestígios disponíveis, todas as influências, toda admiração, irrompem nestes meus afetos francos rotas de fuga que me permitem escapar desta pessoa estranha que me tornei.

CANÇÕES ENCOMENDADAS

Canto canções encomendadas, utilizo alguns ultrapassados encantos que já não alcançam cumprir sua missão. Acabo prisioneiro dessa luta.

Novos trajetos se desenham para que minha disponibilidade cansada escoe, torne-se ordem do dia, aderida como um desejo permitido. Insisto, subestimo a resistência, de adversário me faço cúmplice, desarrumo a ordem que a culpa promove sempre que desejo. Faço uma tentativa de me animar, de aprender a dizer-me o que sei que preciso ouvir.



DO AVESSO

Te peço meu amor, faça-me favorável que eu te darei consentimento, devolvo intacta a ofensa, retruco o grito, revido a fala de empenho, porém faço deste autêntico retorno sustento durável ao invés das habituais escapadas deixando a vida contigo para atrás. Derroto o desanimo, posso medir a suavidade e a dureza da vida, do adeus. Volto mais uma vez ao revés.

TESOUROS

Tendo amado o que construí, dou um especial significado à minha vida. Tento não deixar de lembrar, já que o esquecimento perpetua uma mal formada lembrança que vive se escondendo de mim. Dou-lhe razão quando encaro alguns resultados nada brilhantes. Deixei pedaços meus por aí, pelo caminho, com a finalidade de seguir com menos cargas. Alguma coisa persiste em mim cutucando essa paz feita de retalhos. Seria imprudente fazer todas as perguntas, e por isso meu esquecimento se enche de razão, pelo fato de haver algum encanto enterrado no passado, com o qual não quero me encontrar.

Serão esses os tesouros, os objetos roubados, uma realidade ou uma invenção, variações infinitamente minhas que ilustra quem sou ou aquele que fui? Nesse recordar, esgoto a imaginação, cavo fundo nessa gruta que me acolheu, que me socorreu com as palavras, com os afetos, com os tesouros que possuo e desposso.

DENTRO DE MIM

Atraso o sentir-me só. Olham-me olhos negros, ignoram-me olhos verdes, enredo-me em cálidos apertos de mão. Dentro de mim, uma dor que chega devagar e se abriga debaixo da pele, alcança o sentimento desprevenido e atira-me ladeira abaixo, deixando-me sem rimas, sem melodia e sem ar. Quase abrigo uma loucura órfã, solitária, abandonada por aí, desmembrada como uma intolerância que fratura.

Ainda guardo dentro de mim uma lembrança que me supera. O vazio se instala onde não é chamado. Afasto-me, sempre que posso, para retomar a capacidade de insistir em ser feliz.



CONSTATAÇÃO

Venho velar teu sono agora que há silêncio e noite. Entro em tua cama como fantasma que termina uma longa ausência. Confundo o sonho com realidade. Que a surpresa seja meu mapa.

SE CHORO

Se eu choro, se eu sofro, padeço atônito vendo esse tempo gasto me acenando gestos de resgate, gemendo às contusões. Vagarosamente, autorizo o próximo passo, não quero chegar à inércia, que desaconselha a vida e as coisas do coração. Golpeio o vício de fingir que não é comigo, fico à espera de novas instruções. Desenterro algum manual.

Que me levem a passeio sem risco de tropeçar em alguma influência que aumente minha admiração pela vida. Bastam as queixas que colaboram com a minha desistência.



ELOQUAZ

Gosto de andar com roupas largas e paro na rua para conversar, ando sem rumo como se estivesse pensando uma nova ideia. Já me habituei às calçadas desniveladas, aos constantes fluxos e à falta de providências. Assumo total sensibilidade para com tudo àquilo que me interessa. Guardo a eloquência para seduzir.

PRETEXTO

Minha indignação fervilha cercada de razões pessoais. Fustigado por uma preocupação, considero fundamental converter o discurso num ato que perpetue o possível. Fundir pessoas até tornarem-se um grupo, fustigar o egoísmo até transformá-lo em solidariedade. Lançar novos alicerces para diminuir o estrago que o abandono é capaz de proporcionar. Despedir o desperdício, o mau humor, a má vontade, inaugurar sempre a mania de nascer de novo, mais humano; aumentar o crédito, dispensar o gasto e o excesso, diminuir o volume da voz e da ganância, não gastar mal o tempo, a água. Dividir a sobrecarga com o dia seguinte. Com dor, gemer. Rir às gargalhadas. Ameaçar pra valer. Fustigar a preguiça. Gastar a saúde com gosto e a vida com prazer. Usar como pretexto a idade avançada, uma fiança emprestada, uma obrigação devida.

NADA MAIS

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Concertar sérios danos ocasionados. Não dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.

DESCONSOLO

Atenuei tudo o que pude, esqueci os argumentos até onde alcancei, esfancei os restos de memória, cortei os ramos, não tive outro remédio. Levo meu passado para algum outro lugar onde caiba o camarão da Lagoa dos Patos, o Peixe-Rei, a loja dos meus pais, o fogareiro de ferro e a minha inocência. Desconsoladamente, saio pela porta dos fundos para não repetir as explicações desgastadas. Como o pão, guardo o miolo para os mais velhos, ergo as cores desbotadas que anunciam o uso antigo das mesmas roupas, resolvo espaçar as dificuldades. Limito o abatimento por não haver consolo suficiente. Naufrago sem aviso diante da irrequieta tentação de extrair um último braço que atenuie a impotência de não poder voltar no tempo. Olho atentamente. Espero um guia que passe a borracha para impedir o meu desmanche.

ASPIRAÇÃO

Fica estabelecido que ando muito ocupado, sem tempo para atender aos desamparados, à falta de abraços, aos ódios sem endereço, às dificuldades de escrever, às fortunas anônimas e às lápides inominadas. E também, aos perdidos de amor, aos loucos que não deliram, garçons demorados, vento na cara, derrotas injustas, mesa bamba, sustos, gol contra, fúrias descontroladas, discurso disperso, dor de dente, gritos, fofocas, evidências omitidas, ritual, zelo hipócrita, falsa erudição, correção de condutas, furão de fila, repetir os mesmos erros, perder tempo, gente atrasada, pessimista metido a realista, ex-qualquer coisa, quem não escuta, quem reza em causa própria, quem fala uma coisa e faz outra, quem extravia o livro alheio.

GOSTAR

Gostar sem limites, manchar a boca, gostar por gostar, do começo ao fim, enxertar ilusões, gostar dedicando ao impossível o próximo sonho de amor, gostar enviesando o corpo, subindo velas, tropeçando na fuga; gostar como criança, sem burla, inundado, afogado, gostar com os ânimos quentes e as mãos frias, gostar ao extremo até os cem anos; gostar dos peitos, das nádegas, das coxas, da barriga preta, da mão pedinte, do olhar que acalma. Gostar nomeando, escalando, gostar da boca fechada, da boca aberta, do grito que goza e do silêncio que consente. Gostar com ciúme, com segredo. Gostar no perigo e na calma, do suor que escorre inconveniente, denunciando o quanto temo gostar. Gostar da ausência e da presença, da dispensa, da desobrigação de gostar.

INCESSANTE PROCURA

Percorro os espaços ao meu redor encerrado na minha solidão. Já não circulam por aqui os olhos que me viam, o que torna nulo o tamanho da espera e aumenta meu isolamento. Pensar com insistência aumenta a desordem exclusiva dos sem coadjuvantes. Nada a combinar; os beijos foram convertidos em imagens sem saída, as emoções estão fora de serviço. Busco que o cansaço crie obstáculos à minha incessante procura e me dê um motivo para não mais deixar-me cativar pela ilusão.



POR FORÇA DA TRADIÇÃO

Por tradição ensinaram-me a afastar a palavra fria, acatar quem ordena, nunca chorar de cortar o coração, tratar a febre quando excessiva e jamais prometer um amor definitivo. Saber ficar horas sem dizer nada ao outro. Acostumar a vestir o que é cômodo. Abrir

livros para aprender. Cotizar na carestia e, sempre que possível, pensar para ultrapassar a limitação. Costear os montes e não nadar em águas desconhecidas. Não oferecer intimidades a quem não saiba reservá-las. Evitar quem tenha palácios e cavalos agitados. Ser prudente. Mudar o rumo na mudança dos ventos. Objetar e duvidar. Defender por princípio. Evidenciar a convicção para não deixar dúvidas onde não valha a pena. Não ficar só no singular, desejar como necessário, permitido e indispensável.



DESPEDIDA

Conto o tempo em que quase não vivi. Não sabendo o que me iria acontecer, me despedi como pude. No fundo, todos sabiam que a dor seria maior que a alegria, isso de dar adeus dói em todos, se salva quem parte. Entre rumores, alguns sussurros anunciavam o tamanho da dor ou um futuro melhor. Na hora de partir, tudo se transforma em um furacão. Em torno

de todos, o inevitável, apertando exaustivamente o peito. Antes de superar antigas perdas, se impõem novas, nem sempre calculadas, esperadas. Meus olhos ergueram muros em volta daquele que parte, vai como se já tivesse ido. Mordo os lábios, olhos apequenados como quem dispensa os óculos, ocupo-me em ver pouco propositadamente; assim, limito ver aquele que se vai.

E lá se vai mais um. Não faço nada para impedir. Agito-me por dentro, não deixo nada transparecer para não inibir o contentamento de quem festeja o ir-se. Não tenho autorização para permitir ou proibir. Chorando discretamente, não consigo ver o rumo tomado; observo o movimento e aperto um retrato no bolso. Disfarçadamente, guardo um pedaço de quem partiu.

ALMA POROSA

Do fundo da minha alma calo e assisto a um sentir que faz mais sentido sendo quieto do que dito.

Havendo sobrevivido, aprendi a cair, perder pedaços com cada morto amado em vida. Sobreviver como se houvesse perdido tudo. Salvadas as lembranças, retomado o rumo, que me banhem o sol e a lua.

Já não basta uma inocente desculpa para não seguir. Novo passaporte, a troca do impacto pelo nada. Escolho a rua, o passo, a comida, a marca do café, a hora do sono. Rompo as margens, a vida libertada, não circunscrita a nada, nem a ninguém.

Minha alma ficou tão porosa, que deixa a vida por ela passar, a vida que passa, que passa, que muito rápida já passou.

OUTRAS PROVAS

Pela palavra serei um arqueólogo que descobre um tesouro. Traduzirei o que meu coração me dita. Vou dizer o que me falta, como se instala esse vazio, quanto vale um sentir, da água que corre dos olhos tristes pela ausência da desejada presença. Não há ocasião tão excelente que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades. Como o amor se salva na última hora antes de ser esquecido? Tiro a solidão do silêncio, vazio com a palavra enterrada em suas limitações. Escrevo, ganho outra chance.



TANTO AZUL

Acordo abraçado ao dia azul que me cerca. Passo para ver se alguma flor veio me fazer companhia. Quais mudanças enfeitaram a noite que assistiu a meu isolado sono. Se os adornos tivessem sido feitos diante de mim, saberia a autoria. Alguém escondido espreita minha

surpresa, busca sinais de espanto como se esperasse a pergunta que não faço.

Como não revelo meu afeto por essa beleza que me foge ao controle, acato o prazer que na maior parte do tempo me inunda nesta periódica e incessante visita diária. O amanhecer me traz a água, o vento, o sol e o sinal de que o tempo me roubou mais um dia. O anoitecer, sempre triste, me rouba um pouco as forças minadas por mais uma despedida. Procuro em vão saber quem recolhe a luz, quem guarda o sol e deposita em mim este repetido cansaço. Deixando-me abraçar pelo sono, abandono o dia descolorido, fico a esperar que o sonho me povoe de imagens. Transpiro na cama um último esforço antes que nos meus olhos se depositem lacres.

CATO ENREDOS

Não há mais espaço para o que me importa. Agora sei o quanto é sério controlar tantas vontades de viver. Possivelmente, forças acessórias, relegadas a um canto em desuso, recuperam sua ânsia, são como campainhas abandonadas que me despertam para atendê-las. Quando eu já estava silencioso e o silêncio já não mais me preocupava de tão esquecido, as vontades não nascidas ali, transcritas ao longo de gerações, despejaram em mim um desfile de urgências importantes.

Enquanto as pedras acatam o pó que a elas cresce, eu me debato farto de abraços breves, de retiradas sem aviso, de tantas bocas usadas, de tantas almas magoadas

Todas as proteções tentadas ficaram nas promessas, todos os refúgios ocupados. Cato enredos para definir a próxima cena.

TANTAS DORES

Guardo tantas dores que preciso chorá-las, perdê-las. São dores não doídas, dores mantidas, dores de falta, dores pelo tido, dores de garganta, de ouvido, de amores não realizados, dores da ausência dos sorrisos, da falta da mãe e sua acolhida, dores pelos amigos de infância, pelos mortos não ressuscitados, pelas canções inacabadas, pelas doídas palavras que nos livros que escrevi e ficaram guardadas, escondidas, dores pelas emoções que travei, pela espontaneidade perdida, dores pela perda da simplicidade tão naturalmente obtida, dores fictícias, quase honestas, dores dos partos que assisti, das fomes que vi, dores crônicas e passageiras. Tantas as dores que ficam pelo caminho, ficam por aí, por aqui.

ACERTO DE CONTAS

A aprazível fantasia que tanto contribuiu para minha alegria se esvaiu. O sofrimento trouxe uma novidade, quando eu era uma incauta criança. Senti-me perdido. Onde guardei a inocência, não sei. Afastei-me, e a distancia foi tal, que com ela perdi o contato.

Um dia, abandonarei as ataduras, teimarei, jurarei em vão, sonharei emprestado, concluirei um acerto com o passado, livrarei o tempo para que o antes viaje até mim e se instale como garantia, quando então proverei um estoque de motivação e entusiasmo.



O BORDÃO COMO SUSTENTO

Minha infância é minha sombra, vai comigo aonde vou, me faz gritar canções de ninar, tristes guardados. Quero, por um lado, acabar com os espantos; por outro, esses lutos delirantes não encontram paz. Busco amparo, peço que me deixem em paz todas essas

saudades. Minhas carências se burlam na blindagem, aprendo a chorar, entro pelo único lugar onde a previsibilidade não alcança chegar, me empenho em não ser vulnerável, exposto ao desamparo, me agarro em alguma abundância que me encoraje a não perder a dignidade por saber que os anjos não estão disponíveis para consolar desencantados.

A vida é consequência enquanto se instala todo o resto.



UM GESTO INVENTADO COMO GRITO

Um gesto inventado como grito afugenta a espantosa solidão que me faz ver reduzido a algumas penas colaterais. Não consigo demitir essa vontade de ir, aceitar-me entrando por um único lugar onde a previsibilidade não alcança chegar. Empenho-me em não ser vulnerável, me agarro em alguma abundância que me encoraje a não perder a dignidade por saber que os anjos não estão disponíveis para consolar desencantados.

POR FALTA DE NITIDAS FRONTEIRAS

Meus sonhos, por falta de nítidas fronteiras, se intrometem com a realidade. Encontro-os num canto da vigília que vale tanto quanto uma extensão, um abrigo para viver.

Rascunho fantasias quando me impõem o incômodo. Moldo-me, sei que o tempo está logo ali, esperando minhas fragilidades para entrar em minha vida. O tempo se ocupará das minhas convicções, pesará no meu rosto, tomará as articulações de assalto, tentará recheiar meus vazios dando-me uma suspeita sensação de existir.

Ainda assim, nunca deixarão de ver com os olhos que leio o mundo. Eles veem um desfile de heróis perdidos, reis degradados, políticos enlameados, povos humildes desprotegidos, pobres ofendidos e dizimados.

A CORTESIA MANDA

O menino que fui autoriza o homem que sou a ser seu porta-voz. Essa sobreposição implica ajustes, reajustes, correções, reiteraões, concessões, conclui convênios e tratados, ordena que eu ceda aos desejos de infância adiados. Termina então de brincar todas as brincadeiras interrompidas. Esqueço tradições a que fui obrigado cumprir.



VELHAS MANIAS

Essa velha mania de gostar de tudo o que posso, do que gosto bebido como água da fonte, comida com inocência feito mingau pelas beiras. sempre me faz ter de volta essa vontade de gostar de tudo o que posso, mesmo que eu não possa.

FLORES E RAÍZES

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, embora um pouco esfolados, embora um pouco surrados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e na contramão. Palpo as margens, invento letra e melodia. Decoradas as regras e as contra regras, deixo os meus e os teus amores de ontem nos seus devidos lugares de incalculáveis distâncias.

Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuo canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado. Doo as sementes. Se não saírem as flores, prometo que apresentarei as raízes.

SOB CUSTÓDIA

Dispondo das noites de carícias e pesquisas, ali encontro férteis amores como os necessito. Molham ao sul da cintura, vertem os excessos e envolvem, sem calcular, o tamanho e a consequência da obra. Incauto, sem perceber o perigo do amor que se manifesta vivo, faço extraordinário o tato e o odor. Elevo as energias e exalto a humildade que sensibiliza a intensidade, evitando exacerbar a expectativa.

Deixo o amor sob custódia até que a razão expulse e faça desaparecer os excessos. A vastidão de bens pelo amor disponibilizados enaltece minha vontade de querer ficar; não consigo fugir desta circunstância fantástica.

MENOS MAL

Hoje, torno pública a intenção de sustentar os sonhos, embora acanhado com a desavença entre mim e os que me cercam. A desarmonia precisa ser aceita em certos momentos, como essa com que tento curar as feridas. Atrapalhado com as diferenças, tento iluminar a escuridão que faz em mim sua morada, tornando-se regular em minha vida. Tento evitar uma fuga que favoreça a deserção da alma; busco a solução nos afetos que possam atenuar as desagradáveis surpresas.



EU E O TEMPO

Não permanecerei como suplicante para não tornar duplamente intolerante perceber que o tempo passou. Muitos anos transcorridos sem aviso de sua velocidade. Embora esta prova estivesse evidente e ao alcance de todos, ignorando por completo, esta relação entre os dias que correm e a consciência que não olha e não

vê. O tempo, preservado em seu destino, recomenda prudência, extraordinário em sua habilidade, é raro, unidirecional, sem interesses a sustentar, obriga à necessidade de possuir um sentido natural. Por onde ele caminha? Acaba formado por quem o cria, produz loucura e desordem em quem o pretender predizer. Segundo a natureza ensina a cada um sua máxima de que a vida é breve, há que portanto unir a palavra desterrar a tristeza. Importa sim, conhecer o melhor, saber de que servem os mistérios, ser prudente ao evitar o nécio e a traição. Pôr o simples acima do sagrado, recuperar o juízo quando perdido, presidir a própria vontade e procurar braços que nos sustentem. Que o tempo não seja uma calamidade grave a anunciar o pior. Nos anos transcorridos presenças e ausências formaram riquezas, assisti fartas distribuições de amores, vi os filhos chegarem e partir indo pelo caminho natural da vida. Seco lágrimas honestas enquanto odeio sem necessidade. Vi mais do que deveria ter visto, olhei todos os ângulos para escolher, sustentei-me fiel nas mesmas convicções. Sob pretexto, faço-me de inalterado, tento me livrar das tentações e das vaidades que corroem por dentro e por fora.

ANTECIPAÇÃO

Antecipando tristezas, minha voz diz do que sofro,
desperta um tom pungente que mareja meu olhar Diga
o que disser, falo da dor suprema, da dor crônica, da
dor nunca fingida, da dor doída e doída.



Roberto Curi Hallal

